

MATTHEW GUTMANN*

O MACHISMO¹

Mas também não perdestes algo ao seguir teu pai?
Rodolfo Usigli, El Gesticulador

Resumo: *Este artigo apresenta a categoria machismo como uma categoria polissêmica que, embora utilizada largamente nas discussões sobre gênero, dentro e fora do espaço acadêmico, esta categoria é utilizada como sendo um consenso. Discute também o quanto esta categoria traz sérias implicações, quando utilizada como categoria analítica, que se transformou em uma categoria acusatória contra homens camponeses, das classes trabalhadoras urbanas e, principalmente, contra homens latino-americanos. Estas análises são feitas a partir de uma pesquisa etnográfica em uma ocupação em um bairro na Cidade do México.*

Palavras-chaves: masculinidade, gênero, poder, latino-americanos, etnografia

Abstract: *This paper presents the machismo as a polissemic category, although widely used in discussions on gender, inside and outside the academic space, this category is used as a consensus. This paper also discusses how this category has serious implications when is used as an analytical category, which turned into an indictment category against peasants men, the*

* Professor de Antropologia da Universidade Brown, Providence, Rhode Island/EUA. Pesquisa homens e masculinidades, saúde pública, política, e militarização.

¹ Este artigo foi publicado originalmente no livro *Meaning of Macho: Being a Man in Mexico City*. Berkeley and London: University of California Press, 1996. Agradeço ao professor Matthew Gutmann por permitir tradução e publicação do seu texto em português. Tradução do inglês por Michele Markowitz.

urban working class, and especially against Hispanic men. These analyzes are made from an ethnographic study in an occupancy in a neighborhood in Mexico City.

Keywords: *masculinity, gender, power, Latin American ethnography*

MACHOS E HOMBRES²

“Alguém aqui é casado?” perguntei aos *muchachos*.

“Não, todos *solteritos*,” disse Felipe.

“Aquele palhaço tem dois pimpolhos. Ele é o macho mexicano,” disse Rodrigo, ao apontar para Celso, o pai de dois filhos que vivem com sua mãe em outra cidade.

“Mas que significa isso?” Perguntei.

“Macho? Que você tem filho em todo lugar,” disse Esteban.

“Que sua forma de pensar é muito fechada,” disse Pancho. “A forma de pensar do *macho mexicano* é muito fechada. Ele não fica pensando sobre que pode acontecer no futuro, mas só fica pensando no presente, na satisfação, no prazer, no desejo. Mas isto está desaparecendo hoje em dia.”

“Vocês não são machos?” Perguntei.

“Não, somos *hombres*.”

É comum ouvir mulheres e homens em Colônia Santo Domingo³ dizer que realmente que havia muitos homens machos, mas que estes não são tão comuns como outrora. Algumas das pessoas que repetem esse comentário são jovens demais para saber qualquer coisa a respeito, de primeira mão, sobre esses machos, mas, mesmo assim, eles têm certeza do que havia mais machismo antigamente. Alguns homens mais velhos gostam de dividir o mundo entre *machos* e *mandilones* (ou seja, dominados pelas esposas)⁴, quando o termo *macho* tem a conotação de ser aquele responsável e provedor da sua família, seja financeiramente ou de qualquer outro modo⁵. Para os mais velhos, ser macho normalmente significa ser *un hombre de honor*⁶.

É muito mais comum para homens jovens e casados em Colônia Santo Domingo definirem seu pertencimento a uma terceira categoria, o grupo “não macho.” “Ni

² A palavra *hombre* pode soar de forma especial para os aficionados de Faroeste. Expressões como “ele é um *hombre duro*” são usadas regularmente para conjurar imagens de bandidos mexicanos par a os quais a vida tem pouco valor, como o ato de conquista sexual como parte da vida cotidiana. Em termos históricos a relação entre identidades masculinas mexicanas e cowboys não é meramente coincidental.

³ Nota do editor: A Colônia de Santo Domingo, na Cidade do México, é um bairro popular que nasceu de uma ocupação irregular nos anos 1970 e que passou por um processo de urbanização nos anos seguintes.

⁴ Nota do editor: Não há palavra equivalente no português falado no Brasil, por isso, foi utilizado expressão “dominado pelo esposa”, embora haja algumas expressões como, “leão de coleira”. Este ideia de subversão da “ordem” também se encontra em outra expressão como “casa que mulher manda, até o galo canta fino”.

⁵ Nota do editor: A palavra *mandilón* vem de *mandil* (avental) e ao pé da letra, significa “aquele que usa avental”.

⁶ Behar (1993:40) cita um incidente que aconteceu muitas décadas atrás e que envolve uma mulher que denunciou seu marido na frente das autoridades municipais num vilarejo em San Luis Potosí, ao usar essas palavras: “O fato é que ele não é homem. Ele não é um homem porque ele não se responsabiliza para sua família. Ele nunca tratou bem sua família. Ele lhes trata pior do que animais”!

macho, ni mandilón” é como muitos homens se descrevem. Outros podem definir um amigo ou parente como “típico macho mexicano,” mas é mais difícil para um homem aceitar para si mesmo essa etiqueta. Ao contrário, ele costuma descrever tudo que faz para ajudar sua mulher em casa, assinalar que não bate nela (espancar a companheira é um dos poucos pontos atributos a um *macho* em que todos estejam de acordo). O que é mais significativo aqui não é meramente como se define termos como macho, machismo e machista – há pouco consenso no que concernem os significados desses termos – mas o fato do que hoje em dia estes termos são vistos como pejorativos por homens de classe trabalhador na Colônia Santo Domingo na Cidade de México, e não como atributos dignos de comparação. Para estes jovens, então, o período atual se distingue por seu caráter liminar a respeito de identidades masculinas de gênero: nem macho e nem *mandilón*, estes homens estão nem em uma coisa, nem em outra.

O propósito deste artigo é descrever e procurar entender esses sentimentos ambíguos e cambiantes a respeito dos termos *macho* e *machismo*. Já de início vale a pena assinalar três pontos gerais. Em primeiro lugar, as trajetórias históricas dos termos *macho* (no sentido moderno) e *machismo* (qualquer que seja o sentido) são surpreendentemente curtas. De fato, delinear as permutações e modulações históricas dessas palavras é crucial para poder compreender as discrepâncias que ainda existem de modo geral nas Ciências Sociais a respeito dos seus significados. Carlos Monsiváis (1981, 1992) vinculou a emergência de um *ethos* machista especificamente ao auge do cinema mexicano dos anos 1940 e 1950.

Em segundo lugar, o machismo em discussão aqui não é reduzível a um conjunto coerente de ideias sexistas; não é mero chauvinismo masculino. Como enfatizou Roger Lancaster (1992:19) no seu estudo sobre Nicarágua, “machismo é resiliente não apenas porque constitui uma forma de ‘consciência’; não é uma ‘ideologia’ no sentido clássico do conceito, mas um campo de relações produtivas”. Determinar o caráter sistêmico de machismo é predicado em seguir a trajetória histórica dos usos do termo. Já que essa trajetória nos leva para direções variadas em tempos e em circunstâncias distintas, em México e Nicarágua, por exemplo, o conteúdo estrutural e material de machismo deve ser levado em consideração.

Finalmente, gostaria de mencionar outro tema central e recorrente em muitos se não a maioria dos significados de machismo: o corpo físico. Este tema se manifesta como espancamentos, proezas sexuais, consumo de bebida alcoólica, travessuras temerárias e o problema nem tão simples assim de definir as categorias de “homem” e “mulher”. Por mais confusas que

as identidades de gênero possam parecer, estas geralmente compartilham relações de dependência mútua com esses âmbitos somáticos.

COWBOYS E RACISMO

Nos jornais mexicanos, literatura acadêmica e verbetes de dicionários, os termos *macho* e *machismo* são usados de maneiras contraditórias. As definições empregadas ou implicadas em tais círculos oficiais revelam não apenas uma diversidade de pontos de vista a respeito dos conteúdos dos termos, mas também conjecturas largamente díspares em termos das origens dessas palavras e de seus significados. Ao enfatizar a sexualidade, Stevens (1973:90) designa machismo como “o culto à virilidade,” e adiciona que “as características principais desse culto são agressividade exagerada e intransigência nos relacionamentos interpessoais entre homens e arrogância e agressividade sexual nos relacionamentos entre homens e mulheres.” Greenberg (1989:227) capta algumas das ambivalências de machismo quando descreve um episódio em que Fortino, o protagonista do seu estudo, “estava sendo muito macho, se comportando tranquilamente, sem encarar ninguém; quase feminino”. Nesse sentido, *macho* pode ser identificado com um estilo de comportamento não agressivo (“feminino”).⁷

Muitos antropólogos e psicólogos, ao escrever sobre machismo, utilizam características como “masculino”, “não masculino” e “hombridade” sem defini-las. Eles parecem assumir, de maneira equivocada do meu ponto de vista, que todos seus leitores compartilham uma definição e compreensão comum de tais qualidades. Os dicionários entram em conflito sobre as raízes etimológicas do *macho*, ora vinculando-as a palavras latinas e portuguesas para “masculino” ou “mula”, ora designando soldados andaluzes conquistadores como seus ancestrais culturais, ou a invasores gringos ianques no início do século passado.⁸

No seu ensaio “El machismo en México”, uma das primeiras discussões eruditas sobre o tema, Mendoza (1962) ilustra sua análise da “idiosincrasia nacional” mexicana com as palavras de dezenas de canções populares, *corridos* e *cantares* do fim dos anos 1980 e no início dos anos 1990. De interesse particular nesse ensaio é a distinção que Mendoza faz entre o que ele designa como duas formas de machismo: o primeiro seria a autêntica, caracterizada por coragem, generosidade e ascetismo; o segundo, que seria

⁷ Entretanto, machismo não é necessariamente a mesma coisa em todo contexto cultural, como veremos.

⁸ Tirei muito proveito de discussões sobre o tema de machismo com Carlos Monsiváis e Roger Lancaster. Também gostaria de agradecer a Gilberto Anguiano e Luz Fernández Gordillo do projeto Dicionário de Espanhol Mexicano, no Colégio de México, por sua ajuda em pesquisar a trajetória histórica das palavras macho, machismo, mandilón e outros termos relevantes às identidades masculinas no México.

basicamente falso, consiste de aparências – covardia, esconder-se por trás de autoelogios vazios. Mendoza chama atenção para o dualismo essencial na história do uso da palavra *machismo*, algo semelhante com aquilo que amigos na Colônia Santo Domingo descrevem como os machos verdadeiros de outrora e os machos bufões de hoje.

Mas as palavras *macho* e *machismo* nem aparecem nas canções e baladas citadas por Mendoza. O autor usa o termo *machismo* para representar rebeldes e covardes mexicanos durante o Porfiriato (1877-1911)⁹ e a revolução que lhe seguiu, na década de 1910, mas ele não explica a ausência curiosa da frase em literatura da época.

Num ensaio brilhante escrito poucos anos depois, Américo Paredes (1967) fornece várias pistas a respeito da trajetória da palavra *machismo* e neste processo ele esboça conexões nítidas entre o advento do machismo e nacionalismo, racismo e das relações internacionais. Ao utilizar um artigo que havia escrito antes (1966), sobre folclore mexicano – um bom indicador do linguajar de época, Paredes não encontrou os termos *macho* e *machismo* antes das décadas de 1930 e 1940. A palavra *macho* existia, mas quase como uma obscenidade, parecido com as conotações posteriores de *machismo* (que Santamaría [1959:677], por exemplo, define como “vulgaridade crua para hombridade e virilidade”). Outras expressões, algumas das quais relacionadas semanticamente aos homens, eram bem mais comuns na época da Revolução Mexicana: *hombrismo*, *hombria*, *muy hombre* e *hombre de verdad* (todas relacionadas a *hombre*); *valentia* e *muy valiente* (relacionadas ao valor e à coragem) e assim por diante.¹⁰ Apesar de que durante a Revolução Mexicana a frase *muy hombre* era também usada para descrever mulheres corajosas, além de homens, a associação especial dessa qualidade com homens tanto daquela época como atualmente indica uma associação de certas palavras e frases com hombridade, mas ignora se as palavras *macho* ou *machismo* eram empregadas ou não.

Fazer uma conexão entre coragem e homens durante as épocas de guerra no México – em que os homens geralmente são os principais, se bem que seguramente não os únicos, combatentes – no entanto, não é a mesma coisa que observar uma “síndrome de machismo” desabrochado, como às vezes se fazia nessas épocas. Para simplificar demasiadamente, se a coragem era valorizada durante a Revolução Mexicana, era valorizada em homens

⁹ Nota do Editor: É o período de governo do México pelo general Porfirio Díaz que durou 30 anos.

¹⁰ Para uma análise psicoantropológica de machismo, veja também Gilmore e Gilmore 1979. O papel das Ciências Sociais nos EUA não popularizou os termos macho e machismo à toa – por exemplo, nos estudos sobre caráter nacional e seus frutos. Veja, por exemplo, Peñalosa 1968. Para referências anteriores publicadas em língua inglesa sobre o termo macho, veja Beals 1928:233, 1928:288, e Mailer 1959:19, 483-84. Para machismo, veja Griffith, 1948:50-51.

assim como mulheres, embora os termos usados para descrever coragem carregassem um forte conotação masculina. Especialmente a partir da década de 1940, essa conotação masculina em si se tornou proeminente como símbolo nacional(ista). Por bem ou por mal, México passou a significar machismo e machismo.

Buscar uma identidade nacional singular é um projeto moderno para o México como para outros países também. Muito lembrado por seu diagnóstico contundente do “complexo de inferioridade” do país, Samuel Ramos (1934) é também frequentemente citado como o primeiro crítico de machismo mexicano. Contudo, Ramos nunca usou o termo *macho* ou *machismo*, mas em Ramos as conexões entre *lo mexicano* e hombridade (seja como isso for definido) são marcantes. Ele centrou sua narrativa da inferioridade da nação no “tipo mexicano bem conhecido, o *pelado*,” cujo conduto era de “protesto viril” (Ramos 1962:9). O *pelado* é um proletário masculino tosco e com pouca escolaridade, disse Ramos, para quem “seu conceito de virilidade se junta com o de nacionalidade, daí criando a ilusão do que o valor pessoal é a característica mais peculiar de México” (p.63). A associação singular de Ramos entre qualidades masculinas negativas e a classe trabalhadora urbana tem sido um tema proeminente desde então em escritos sobre masculinidade latino-americana e machismo – o que Mary Louise Pratt (1990:50) mostra como sendo o “androcentrismo da imaginação nacional moderna” na América Latina.¹¹ Em contraste com Ramos, estudiosos como Paredes vinculam o machismo especialmente às classes médias mexicanas, e Limón (1989,1994) efetivamente critica o preconceito de classe de Ramos a respeito de machos *pelados*.¹²

Um dos motivos que Ramos julgou tão duramente “o mexicano da cidade” foi sua observação do que “o *campesino* no México é quase sempre de raça indígena... [e] seu papel é passivo na vida atual do seu país” (p.63) enquanto o “grupo ativo” de mexicanos era composto de mestiços e brancos que viviam na cidade – um olhar que é implicitamente e parcialmente compartilhado por alguns dos meus amigos em Colônia Santo Domingo hoje. De fato, para muita gente da classe trabalhadora no México, na década de 1990, as elites (brancas) mexicanas já não são de confiança, pois venderam o país para seu próprio ganho financeiro. Então, o papel de porta-voz de uma identidade nacional mexicana, inclusive nos seus aspectos

¹¹ Sobre a etimologia de macho, veja Gómez de Silva (1988:427) e Moliner (1991: II :299-300). Sobre aspectos diversos e contraditórios da história cultural de macho e machismo, veja Mendoza, 1962; Santamaría, 1942: 210, 1959: 677; e Hodges, 1986: 114.

¹² Mesmo que a clássica novela sobre a revolução mexicana, *Los de abajo*, de Mariano Azuela (que foi publicada pela primeira vez em 1915), em um ponto usa a expressão *machito* (1915 [1958]:7 0 traduzida simplesmente como “um homem” em Azuela, 1962: 79), isso não constitui um uso mais generalizado da palavra macho e nem familiaridade com o termo no sentido de machismo ou quaisquer outras derivativas do mesmo.

de gênero (masculino), foi ironicamente deixado para as maiorias mestiças das cidades. Assim, *mestizaje* chega a ser equacionado na cabeça de Ramos e de alguns dos seus objetos da classe trabalhadora com masculinidade, e os dois, por sua vez, foram feitos cúmplices na constituição da própria ideia do ser mexicano.

No México, a consolidação do Estado Nação e a maquinaria partidária durante todo o período republicano e o desenvolvimento da identidade nacional cultural moderna do país ocorreram em grande escala durante os regimes de Lázaro Cárdenas e Manuel Avila Camacho (1934-1940 e 1940-1946, respectivamente). Depois dos anos turbulentos de revolução, a década de 1920 e os seis anos subsequentes de unificação nacional sobre o governo populista de Cárdenas, a campanha eleitoral nacional de 1940 abriu uma era de desenvolvimento industrial e mando demagógico sem paralelo no México. Por coincidência, um dos lemas da campanha do candidato que acabara ganhando a eleição posteriormente, Avila Camacho, era: “CaMACHO!” Paredes (1971:23) aponta que mesmo que o presidente não fosse o responsável pelo uso do termo *macho*, “devemos nos lembrar que nomes emprestam realidade a coisas.”

Como Paredes também assinala de um jeito bem perceptivo, em certo modo o macho mexicano é simplesmente uma piada cujo sentido os estrangeiros não entendem. De fato, em filmes mexicanos, como ironiza Monsiváis (1981:107), o *macho mexicano* é o *Gran Macho Operático*¹³. Na medida em que o macho mexicano é uma piada, ambos os autores parecem sugerir, de uma forma que permite que a consciência e agência sejam restauradas àqueles que entendem o sentido desse tipo de humor, pelo menos em parte e em comparação com aqueles que não entenderam a piada. Além disso, mesmo que o machismo no México possa tomar formas bem exageradas, ele não é nem de longe um fenômeno peculiar àquele país.¹⁴

A trajetória do termo *machismo* é um mero pedaço de um quebra-cabeça maior no que diz respeito a visões e práticas codificadas numa forma tautológica como instâncias de machismo. Para Paredes, a história peculiar de relações EUA-México produziu uma antipatia marcada por parte dos mexicanos com respeito aos seus vizinhos ao norte. A imagem da fronteira e do Oeste selvagem tem um papel especial nessa relação tempestuosa, já que dois quintos das terras mexicanas foram anexados aos EUA em 1848 e repetidas incursões econômicas e militares estadunidenses foram feitas no

¹³ Veja Barra, 1992, para mais sobre Ramos, Paz e lo mexicano. Para um estudo recente sobre esses “imaginários” fora do México, veja a investigação de Bolton (1979) sobre machismo entre caminhoneiros peruanos.

¹⁴ Uma revisão da literatura recente sobre machismo e chicanos está para além do escopo deste trabalho, mas além de Limón, 1989 e 1994, leitores com interesse nesses temas podem tirar proveito ao consultar Baca Zinn, 1982; Mirandé, 1986; e Almaguer, 1991.

México desde então, o que provou como falsas as proclamações a respeito de soberania nacional. Paredes nos lembra que desde cedo o comércio entre os dois países incluiu a exportação do vaqueiro-cowboy mexicano para os EUA. No começo do século retrasado, os bandeirantes de Texas e de áreas mais a oeste eram pontos de corrida para o império Jacksoniano¹⁵ em expansão, e que sua combinação de individualismo e disposição de sacrifício para um bem nacional maior chegou a incorporar o *ethos* de machismo. Junto com a pistola, símbolo supremo do macho, tal *ethos* também chegou a ter um papel semelhante na consolidação da nação mexicana. No entanto, hoje, depois das brigas nos EUA e no México chegarem ao fim, o “*machismo* denuncia certo elemento de nostalgia; é cultivado por aqueles que se sente que nasceram tarde demais” (Paredes, 1971: 37).

Do outro lado da fronteira, nos EUA, o termo *machismo* tem uma trajetória explicitamente racista; desde a primeira aparição impressa que encontrei (Griffith 1948:50-51), o machismo não foi associado às características masculinas no geral, mas mais especificamente aos mexicanos, aos mexicanos nascidos nos EUA e homens latino-americanos¹⁶. O uso contemporâneo mais comum do termo *machismo* nos EUA muitas vezes serve para hierarquizar homens de acordo com suas presumidas características nacionais e raciais. Tal análise faz uso de presunções inexistentes para fazer generalizações pejorativas sobre traços culturais de homens mexicanos.

JORGE NEGRETE E LO MEXICANO

“Você é macho, como a gente diz. Quando eu precisei de você, você me ajudou com todo teu coração e eu farei o mesmo para você.”

Pedro, morador de Juchatengo, Oaxaca, citado em Blood Ties, de James Greenberg

A consolidação da nação mexicana, ideológica e materialmente, foi cultivada desde cedo, não apenas nas batalhas à pistola na fronteira selvagem e nos rituais do voto de política presidencial, mas também no imaginar e inventar *lo mexicano* e *mexicanidad* no cinema nacional. (Posteriormente, tanto o rádio como a televisão fizeram os papéis principais em oferecer a toda a República um sentido de si, no sentido de compartilhar uma história e um destino comuns – ou seja, uma identidade nacional.) Mesmo havendo protagonistas femininas nos filmes da época, na tela prateada apareciam principalmente atores bem masculinos que passaram a incorporar o potencial inquieto e explosivo da nação mexicana em emergência. E de todos

¹⁵ Nota do Editor: Referente à Andrew Jackson, sétimo presidente dos EUA que dominou a política americana entre os anos 1820 e 1830.

¹⁶ Monsiváis está conjurando a imagem do grande macho teatral (operática). Veja também Gaarder, 1954.

os astros de cinema dessa época, um deles se destacou como “o macho dos machos.” Sempre o galã com sua pistola e *charro* (cowboy cantante), com seu tenor melódico e eminentemente masculino, Jorge Negrete se tornou um símbolo exemplar da fanfarrona nação mexicana, cantando,

Yo soy mexicano, mi tierra es bravía.

Palabra de macho, que no hay otra tierra más linda y más brava que la tierra mía.

Yo soy mexicano, y orgullo lo tengo.

Nací despreciando la vida y la muerte,

Y si he hecho bravatas, también las sostengo.¹⁷

Nos botecos rurais, os templos masculinos da era dourada de cinema mexicano, a onda macho se formou. O México apareceu na tela como uma entidade singular, mesmo que internamente incongruente, enquanto dentro da nação as figuras do homem e da mulher mexicanos avultam – o primeiro, indomado, generoso, cruel, mulherego, romântico, obsceno, em paz com a família e amigos, subjugado e inquieto... [a segunda] obediente, sedutora, resignada, meiga, devotada ao e escrava do seu marido, seu amante, seus filhos e a seu fracasso essencial.” (Monsiváis, 1992: 18)

Outros arquétipos nacionais mexicanos seguiram a Negrete, como o ator Cantinflas fazendo o papel de um *pelado* mais bem humorado do que aquele do Ramos e Tin Tan, outro ator famoso, escalado no *pachuco*,¹⁸ com experiência nos EUA. Os filmes dessa época levavam títulos como *Vámonos con Pancho Vila!*, *Allá em El Rancho Grande*, *Soy e*, com estes, a distinção entre macho e homem começaram a entrar mais nitidamente em foco no cinema mexicano da década de 1940:

Ser macho agora faz parte do cenário. Ser macho é uma atitude. Há gestos, movimentos. É acreditar que potência genital guarda a chave do universo, tudo isso. Isso vem da noção de perigo à noção de se gabar; isso é a diferença entre um macho e um homem. Como diz a música, “Se você tiver que me matar amanhã, porque não resolva isso agora, então?” – isto é ser muy hombre. “Tenho quatro mulheres” – isto é ser muy macho”. (Carlos Monsiváis, entrevista com o autor, 20 de fevereiro 1993).

Depois, no fim da década de 1940, o machismo mexicano passou por uma dissecação refinada, feita pelo Octavio Paz em *El laberinto de la soledad* (1950). A despeito da vontade de Paz de dialogar apenas com um grupo restrito, “daqueles que têm consciência de si mesmos, por um motivo ou outro, como mexicanos” (Paz, 1961: 11), essa obra mais do que qualquer outra

¹⁷ Ao examinar as imagens de masculinidade na música popular brasileira, Oliven (1988:90) escreve que “no que diz respeito à formação da identidade social brasileira, o machismo aparece como fator fundamental”.

¹⁸ Exemplos representativos de estereótipos uniformes de homens mexicanos e latino-americanos na mídia estadunidense podem ser encontrados em Reston 1967 e McDowell, 1984.

se tornou o ponto de vista definitivo dos atributos essenciais do mexicano como machismo, solidão e veneração à mãe. Assim, quando Paz escreve, “O mexicano está sempre mais distânciado do mundo e dos outros. E também dele mesmo.” (p. 29), ele não deve ser levado ao pé da letra, mas como literatura. O livro é uma bela escrita e parte do que motiva sua elegância é que Paz estava criando qualidades de *mexicanidad* como também refletindo sobre elas. Como ele aponta no seu “Retorno ao labirinto de solidão”, “O livro faz parte de um esforço de países marginalizados em termos literários de retomar sua consciência: de se tornar sujeitos novamente” (Paz, 1985:330).

Paz (1961: 35) escreve sobre homens e mulheres no México, “Num mundo criado na imagem do homem, a mulher é apenas um reflexo da vontade e do desejo masculino”. No México, “a mulher está sempre vulnerável. Sua situação social – como repositório de honra, no sentido espanhol – e do azar da sua anatomia ‘aberta’ lhe expõe a todo tipo de perigo” (p.38). Biologia como destino? Mas não há nada inerentemente passivo, ou privado, sobre vaginas no México ou em qualquer outro lugar. Ao seguir com Paz, “o atributo essencial do *macho*” – ou aquilo que o macho busca retratar, em todo caso – é o poder, assim como “o povo mexicano” também.

Então *mexicanidad*, relata Paz, se concentra nas formas machos de “caciques, coronéis, fazendeiros, políticos, generais, capitães de indústria” (p. 82).¹⁹

Muitos homens mexicanos são curiosos para saber o que significa ser mexicano e o que significa ser um homem. Ninguém nasce já ciente dessas coisas e elas nem podem ser realmente descobertas. Elas são aprendidas e reaprendidas. Para alguns, isso envolve uma busca do seu patrimônio. “Pedro Páramo²⁰ é meu pai também,” declara um dos filhos bastardos de México (Rulfo 1955 [1959]: 3). Mesmo sendo um bruto notório, pai é pai. Para os machos mexicanos e para a nação, é melhor ter um pai do que ser órfão.

Nas obras de Paz e em muito da literatura sobre cultura nacionalista no México nas últimas décadas,

o problema de identidade nacional foi apresentado primeiramente como um problema de identidade masculina, e eram autores masculinos os que debateram seus defeitos e fizeram a psicanálise da nação. Em alegorias nacionais, as mulheres se tornaram os territórios onde se passa a busca (masculina) duma identidade nacional, ou melhor, como no Pedro Páramo de Juan Rulfo (1955), o espaço de perda e de tudo que está por fora dos jogos masculinos de rivalidade e vingança. (Franco 1989:131)²¹

¹⁹ Da música “Yo soy mexicano”.

²⁰ Nota do Editor: Personagem principal do livro de Juan Rulfo, descrito como um homem cruel e inescrupuloso.

²¹ Deve também ser lembrado que o pachuco é a personagem que, não à toa, abre a investigação do Octavio Paz sobre a essência do México, *El laberinto de la soledad* (1950) por volta dessa época. Durante esse período, o papel dos EUA, e dos mexicanos que migraram para os EUA, a maioria dos quais eram homens, em definir *mexicanidad* foi muitas vezes enfatizado por artistas e outros críticos culturais.

Em Santo Domingo, outra fonte segura de informação sobre machismo e identidade nacional, além de Paz, onde que as pessoas usam nas histórias que contam sobre si mesmos, é Oscar Lewis. Ou pelo menos as pessoas usam aquilo que ouviram falar sobre suas escritas antropológicas; Lewis é “lembrado” muito mais do que lido.

Nas Ciências Sociais, Lewis continua sendo a referência mais citada no que diz respeito às conclusões sobre masculinidade mexicana moderna. A afinidade de antropólogos e outros cientistas sociais com estereótipos sobre machismo mexicano exemplifica o ponto do visto de Giddens (1990:16) que “o impacto prático das Ciências Sociais e das teorias sociológicas é enorme e os conceitos sociológicos e suas conclusões são envolvidos na constituição da *definição* de modernidade”.

De fato, três frases em especial do *Los Hijos de Sánchez* são empregadas com uma frequência impressionante nos textos antropológicos para representar todos os machos mexicanos do passado, presente e futuro: “Numa briga, jamais diria que se deve desistir ou dizer, “basta”, mesmo se o oponente estiver me matando. Eu persistiria até a morte, sorrindo. É isso que queremos dizer com macho, com o agir como homem.” (Lewis 1961: 38)

Essa passagem específica é citada, por exemplo, por Marshall (1979: 89) na sua discussão sobre machismo na Micronésia, por Madsen e Madsen (1969: 712), num artigo sobre consumação de bebida alcoólica no México, e por Gilmore (1990: 16) em sua pesquisa comparativa sobre imagens de masculinidade. Assim, poucas frases da página 38 de *Los Hijos de Sánchez* carregam uma responsabilidade tão tremenda para a Antropologia: fornecer um *clipping* citável para definir masculinidade/machismo mexicano.

Será que essa citação é uma descrição tão boa e precisa assim sobre identidade masculina no México? Se assim fosse, cada alma masculina que se situa ao sul das águas rasas do Rio Grande e ao norte das terras altas de Guatemala teria, como por decreto etnográfico, no mínimo tentar lutar até sua morte sorrindo se quisesse reter duas credenciais de homem mexicano. Sinceramente, duvido que Lewis pretenda resumir as experiências da vida e dos desejos de todos os homens mexicanos nessa passagem curta. Talvez, mais revelador de tudo, é que as frases em questão nem são de Lewis, mas na verdade parte de um monólogo de Manuel Sánchez, um dos filhos de Sánchez. Manuel é, no entanto, o homem cujos comentários ideologicamente carregados, feitos para o benefício de Lewis num dia particular em

meados da década de 1950, frequentemente chegou a falar em nome de todos os homens mexicanos desde aquela época.²²

MANDILONES E MULHERES DOMINANTES

Em Santo Domingo há usos significantes nos empregos e significados dos termos *macho* e *machismo*, que refletem e geralmente concentram experiências urbanas e rurais em contrastes, diferenças geracionais, estratificações de classe, etapas na vida dos indivíduos e, na era de TV de satélite, o impacto sobre pessoas em todo México sobre o que tem a dizer outras pessoas no mundo inteiro sobre eles e suas peculiaridades nacionais.

Voltando ao termo *mandilón*, que porta um significado mais forte do que o termo *henpecked* (dominado pela mulher) na língua inglesa, mas nem de longe é tão vulgar como *pussy-whipped* (idem, mas com conotação mais vulgar). Pelos usos cotidianos do termo, podemos perceber que se trata de uma expressão produzida pelo sistema *machista* ao mesmo tempo em que é uma resposta ao machismo.²³ Eu estava caminhando com Angela e com minha esposa Michelle, em um *sobre-ruedas* (feira livre), num dia de outubro. A gente se conheceu fazia pouco tempo e Angela comentou que talvez Michelle devesse comprar um *mandil* (avental) “no tamanho do Mateo” para que eu pudesse ser um legítimo *mandilón*. Angela acrescentou que seu filho, Noé, que eu não conhecia ainda, era um *mandilón*. Quando lhe perguntei por que ela disse isso, me respondeu que Noé lava a louça, cozinha e cuida da sua filha. Queria saber como ele pegou o hábito de fazer essas coisas. “*No lo creía para ser macho mexicano*” foi a resposta. Perguntei em voz alta se Noé iria aceitar esse apelido. Angela insistiu que sim.

No início de novembro quando conheci Noé, perguntei-lhe sobre ele ser um *mandilón*. “*No soy mandilón*”, me corrigiu. “Não me importa ajudar a minha esposa. Compartilho tudo com ela.” Mas Noé rejeitou o apelido *mandilón*, que ele definiu como alguém que é “dominada pelas mulheres”.

Em janeiro, a irmã mais nova de Noé, Norma, passou em nosso apartamento para perguntar sobre seu esposo, Miguel, pois, eu fui a última pessoa

²² Melífluu, bem raciocinado e eminentemente acessível, *Laberinto* é o texto canônico não apenas para estrangeiros que buscam aprender mais sobre o México, mas dos muitos mexicanos que tentam entender a si mesmos. Um amigo que guia o trânsito dentro de um estacionamento de um supermercado bem próximo ao Santo Domingo me comentou um dia que, como eu, seu irmão que vive num vilarejo no estado de Puebla também gosta de ler. A última vez que lhe visitou no vilarejo, me disse meu amigo, seu irmão estava lendo um livro que pegou emprestado na biblioteca: *El laberinto de la soledad*. Para seu irmão era como ler uma enquete de opinião pública no jornal; é assim como são os homens mexicanos, declara, e se você não é assim, então você não é um verdadeiro homem mexicano.

²³ Meus agradecimentos ao Jean Franco (comunicação pessoal) que foi o primeiro a me sugerir que expandisse a primeira parte de um artigo anterior (Gutmann 1993^a), o resultado da qual foi este capítulo.

a vê-lo. Seguiria com Miguel depois de um jogo de um campeonato de futebol para a casa do técnico para comer uns *tacos* e feijão e tomar umas cervejas. Já fazia horas que voltei para casa, mas até oito horas da noite, Miguel não havia voltado ainda e Norma estava preocupada. Mas ela não podia ir buscá-lo pessoalmente sobre o risco do Miguel aparecer como um *mandilón* diante dos outros homens jovens: ou seja, uma mulher que vai atrás do seu marido (presumidamente) embriagado.

Não etiquetar um homem como *mandilón* ajuda-o a *livrar a sua cara*, porque para muitas mulheres e homens o termo carrega conotações negativas. Em outras palavras, um *mandilón* é visto como um oposto positivo ao machismo para Angela, mas para outras pessoas trata-se de uma forma inversa de vanglória de um macho. Em ambos os casos descritos acima, definir o que significa o termo *mandilón* reflete uma percepção de diferenças de poder entre homens e mulheres e uma consciência contraditória sobre identidades masculinas.

“Não quero nem um homem macho e nem um mandilón”, me disse uma mulher jovem.

“Porque não mandilón”? perguntei.

“Porque quem quer alguém que não sabe se defender, que se acostumou com alguém mandando nele e que gosta disso”? Em outras palavras, a vida já é difícil o bastante como está e uma jovem mulher não quer ter que depender de um mandilón como marido. Ao em vez disso, é preciso um parceiro que possa fazer acontecer sem esperar ordens alheias, inclusive da sua esposa.

Entre homens com 20 até 40 anos é raro encontrar alguém que queira ser chamado de macho. “Uê, lavo a louça e cozinho”, alguns protestaram quando chamados de macho por algum amigo. Para muitos deles, machos não fazem nem uma coisa e nem a outra, nem passam muito tempo com seus filhos. Entretanto, o comentário mais comum para não ser categorizado como macho era “Não espanco minha mulher”. Um avô de 67 anos me explicou que ele não era nenhum macho e que nem seu próprio pai, antes dele, o era. “Uê, ele nunca bebeu uma cerveja na frente das crianças”, me disse amigo, “e nunca espancou sua esposa”.

Angela chama seu irmão Héctor de um dos últimos de uma raça em extinção de machos mexicanos. Mas Héctor gosta de brincar que ele não é um macho “*porque montam em mim*”. Para ele, a imagem de playboy mexicano do cinema dos anos 1940 típica a era dourada dos machos com seus “*charros, bravacones, ébrios, peleoneros, irresponsables, enamorados a las mujeres*”. Angel García, que é ativo na Comunidade Cristã de Base em Colônia Ajusco, me disse que para ele machismo conjura imagens de cowboys correndo pelos campos, atirando suas pistolas.

Para alguns homens hoje, “o macho” é também um papel de brincadeira que podem desempenhar quando requisitados a fazê-lo. Disfarcei minha contrariedade uma noite quando, no aniversário de dois anos da sua neta, e no seu empenho como *santa padroeira* do meu projeto de pesquisa, Angela me pegou pela mão e me apresentou a vários homens que ela apresentou como “representativos genuínos de machismo mexicano”. Depois de ser apresentado a mais um homem jovem, Angela insistiu em saber dele “Onde está tua esposa”? Ele sorriu um sorriso malandro. “Mandei-a ao banheiro”, respondeu. Muitas vezes, como nesse caso, tais piadas eram seguidas por comentários que revelaram uma sensibilidade aguda a respeito das crenças culturais sobre homens mexicanos que muita gente no México pensa que norte-americanos geralmente nutrem a seu respeito. “É assim que vocês gringos pensam sobre nós, não é”? as pessoas eventualmente me perguntaram quando levantei a imagem dos homens mexicanos que preferem morrer sorrindo do que perder sua cara.

Outra ilustração da influência dos EUA sobre percepções de si como macho entre mexicanos foi o convite que recebi para participar, no dia 5 de julho de 1993, no *talk-show* de uma emissora da Cidade de México, visto em todo o país, *María Victoria Llamas*. Junto com vários homens mexicanos fui convidado falar sobre o tema “*A lo macho*”. Era esperado que minha presença pudesse ser usada por dois motivos: (1) que machismo não era apenas um problema no México e (2) que, baseado na minha pesquisa, seria claro que nem todos os homens mexicanos são machos. Fui informado do que isso soaria especialmente convincente vindo da boca de um antropólogo norte-americano.²⁴

As pessoas em Santo Domingo e em toda a Cidade de México são agudamente cientes das imagens que gringos mantêm sobre o México e os mexicanos, inclusive sobre aqueles pertencentes à masculinidade mexicana. Muitos acreditam que os homens norte-americanos se sentem superiores aos seus congêneres mexicanos, uma percepção que lampeja da televisão, cinema e a experiência de migração para os EUA. O que muitos mexicanos deixam de reconhecer em posicionamentos ideológicos expressos em declarações tais como “Meu namorado pode não ser perfeito, mas pelo menos ele não é nenhum macho mexicano”, é a combinação entre racismo antimexicano e justificações sexistas para relações de gênero nos EUA. Perpetuar dessa forma, dentro dos EUA, estereótipos a respeito a machos mexicanos e mulheres que se sacrifiquem a si mesmo ajuda a obscurecer e preservar as desigualdades de gênero nos EUA.

²⁴ Outro escritor nascido nos EUA, Ernest Hemingway, é também responsável pela popularização de ideias sobre atos de heroísmo latino, também conhecido como machismo, nos EUA. Veja a discussão de Capellán (1985) sobre como parte das personagens do Hemingway se negam a entregar-se à morte.

AGINDO COMO HOMEM

Os dramas que as pessoas em colônias populares compartilham sobre seus próprios casamentos e os casamentos dos outros, e os papéis desempenhados pelos autodenominados machos não são nada cômicos. Mas mesmo não sendo uma prática tão comum, de modo geral, como no caso de mulheres que aguentam abuso dos esposos durante décadas, há um crescente número de mulheres espirituosas e independentes que, por um motivo ou outro, dão ultimatoss a seus maridos. Independentemente de se e quando esses ultimatoss sejam cumpridos, tais mulheres entram com processos de divórcio e saem vitoriosas desses processos contra seus *machos mexicanos*.

“Traímos nossas mulheres porque somos homens”, falou um participante num grupo masculino *Centro a la Violencia Intrafamiliar* (CAVI), que se encontra para discutir violência doméstica. Ele depois acrescentou, “e porque queremos ser machos”. Que significa “querer ser macho” a não ser que “ser macho” é um posicionamento ideológico que apenas pode ser sancionado pelos outros – homens e mulheres – e por si mesmo? Na minha discussão com os *muchachos*, um deles falou que não eram machos mas sim *hombres*. Celso, no entanto, insistiu que, por definição, eles eram machos. Ele falou que se fossem se definir como algo, *mandilón* e *marica* obviamente não seriam os termos apropriados. Então qual outra opção sobraria senão ser macho?

A descrição fornecida por Celso deixa aparentar que os jovens ficam remexendo num saco de restos identitários, tirando de lá tudo que conseguem apanhar como culturalmente distinto. Durante um minuto esses *muchachos* se identificam como machos que se divertem ao se vangloriar de controlar as mulheres e os homens moral e fisicamente mais fracos, claramente em sincronia com valores sociais mais amplos. Logo depois, os mesmos jovens expressam a amargura de serem aqueles no fundo do saco. Muitas vezes os dois aspectos de identidades pessoais entram em conflito – como, por exemplo, quando os *muchachos* cantam com muito entusiasmo junto a uma banda de rock popular, Maldita Vecindad sobre seus ódios de classe:

*Ahí está em la calle, brilla como el sol
En su auto nuevo, qué orgulloso va
Vuela por la calle, gran velocidad
Todas las personas lo miran pasar
Limpia parabrisas, cruza sin mirar
El niño no puede el auto esquivar
Sólo se oye un grito, golpe y nada más
Demasiada sangre em esta ciudad.²⁵*

²⁵ Outra forma de chamar um homem de mandilón é dizer: “Ele é muito desleixado”.

Os *muchachos* não se identificam com o motorista do carro nessa música e eles não veem nenhuma contradição entre identificarem-se simultaneamente como machos dominadores e como os pobres dominados lançados numa luta de uma vida inteira contra os ricos, ou aqueles que dirigem os carros novos.

A discussão uma noite no grupo CAVI também esclareceu um ponto importante sobre a autoidentificação que alguns homens fazem como machos. Na sessão sobre ciúmes, vários homens declararam que não são tão ciumentos como eram antes. Eles falaram não apenas da influência recente de fatores socioculturais que afetam as mulheres, assim forçando os homens a reavaliar seus próprios padrões éticos – mulheres trabalhando fora de casa, o movimento feminista, o nível de formação que essas mulheres conseguiram – mas também padrões mais associados a machismo – que eram mais pronunciados e prevalentes do que em outras épocas. Nos casos de ciúme e explosões violentas contra suas mulheres por infidelidades presumidas, por exemplo, a maioria dos homens disse que tal comportamento era mais típico nos primeiros anos dos seus casamentos.

REDEFINIÇÕES

[L]inguagem é ao mesmo tempo uma coisa viva e um museu de fósseis de vida e civilizações.

Antonio Gramsci, Seleções dos Cadernos de Cárcere

Machismo, então, na mente de muitos homens e mulheres jovens, representa uma espécie de opção. Se o macho é visto como bom ou ruim, uma ameaça séria ou um idiota risível, os homens têm a opção de deixar que suas cabeças sejam controladas por seus corpos. E frequentemente, em Colônia Santo Domingo, a imagem do macho é vinculada ao corpo masculino. As mulheres nunca têm a opção de ser realmente machos no mesmo sentido que os homens. Isso se deve, além de tudo, pelo fato de o componente chave do machismo, num macho, ser a sua relação com os corpos femininos. Em Santo Domingo, há muitas noções de macho, mas um elemento que mais comumente faz parte dessa definição é espancar a companheira. Junto com a conquista sexual das mulheres, agressão física é para muitas mulheres a essência de machismo.

Se a sociedade mexicana pode ou não ser caracterizada como macho em algum sentido mais abrangente é uma questão com certa importância, mas novamente tudo depende de definições e contextos. Nos círculos financeiros e governamentais, nas artes e universidades e na mídia, os homens predominam e dominam. Em termos de quem manda na sociedade me-

xicana e suas instituições centrais, a questão é tão direta que a dominação masculina nesses lugares é um exemplo clássico de controle naturalizado e hegemônico. Mas, para usar um exemplo mais marginal, que revela os interesses e desejos das grandes massas na Cidade de México, em certas linhas do metrô durante as horas de pico na Cidade de México, muitos vagões são destinados para mulheres e crianças. As mulheres podem usar os vagões dos homens, mas nenhum homem pode andar no vagão das mulheres. Placas anunciam essa segregação, que é reforçada por guardas portando cassetetes.

Nessa separação entre mulheres e homens haveria um reconhecimento do físico masculino abusivo? Sim, mas seria isso um exemplo de machismo, ou uma tentativa – em um nível semioficial, no entanto – para prevenir tais assédios masculinos até onde isso for possível? Os motivos sem dúvida são inteiramente misturados no nível do governo municipal e o sistema do metrô; “protegendo as mulheres”, como vimos, é o coração de alguns sistemas de machismo. Mas, no geral, esse caso é mais uma questão de reconhecer um problema e buscar uma solução (provisória) para ele. No horário de pico, as mulheres, na sua maioria esmagadora, aproveitam o sistema de vagões de metrô sem homens, um meio de transporte que nem existe em outras sociedades onde mulheres são rotineiramente abusadas e assediadas por homens em transporte público. É dessa forma que identidades de gênero são reconhecidas como também, até certo ponto, criadas na Cidade de México²⁶.

Demarcar identidades culturais e definir categorias culturais, seja de si mesmo ou dos outros, não é meramente um *hobby* dos etnógrafos. Apesar do que, criar tipologias de masculinidade mexicana pode resultar em paródias sem referentes vivas, e passar por alto do problema importante de como os homens e as mulheres de Colônia Santo Domingo entendem hombridade e definem o que significa *ser hombre*, as Ciências Sociais têm um propósito ao buscarem as melhores formas de categorizar homens no México. Mesmo que seja provável que ninguém na colônia faça uma divisão explícita da população de homens assim, penso que a maioria reconheceria os seguintes quatro grupos: o macho, o *mandilón*, o nem macho e nem *mandilón*, e a categoria ampla de homens que fazem sexo

²⁶ Há uma semelhança superficial entre essas declarações e aquelas feitas a Abu-Lughod (1986:89) por uma mulher beduína sobre “homens de verdade”: “Minha filha quer um homem cujos olhos estejam abertos – não alguém simpático. As meninas querem alguém que vai lhes encher. Minha filha não quer estar com alguém em quem ela pode mandar, para que ela possa ir e vir como lhe apraz. Não, ela quer alguém que mande nela”. Procurar um homem independente parece ter um objetivo em comum em ambos os contextos culturais. Mas também há uma distinção importante no sentido do que meu amigo em Santo Domingo não equacionou como aparentemente a fez a mulher beduína, tal independência masculina com a dominação sobre as mulheres, mas, sim, com a capacidade de cuidar de si e da família – ou seja, dominar as circunstâncias “externas”.

com outros homens. Mas o fato é que poucas formas revelam mais do que simplesmente uma falta de familiaridade com o tipo-ideal weberiano. Masculinidade, como outras identidades culturais, não pode ser arrumada comodamente em categorias-caixinhas tais como macho e *mandilón*. Identidades apenas fazem sentido em relação a outras identidades, e estas nunca são firmemente estabelecidas para indivíduos ou grupos. Além disso, raramente encontrará-se-á um consenso sobre se um homem em particular merece uma etiqueta tal como nem macho e nem *mandilón*. Ele provavelmente vai pensar sobre si como um homem em uma variedade de formas, nenhuma das quais necessariamente coincide com os pontos de vista de familiares e amigos.

Em termos do último grupo de homens, aqueles que fazem sexo com outros homens, isso inclui entre outros os *putos* que fazem sexo para ganhar dinheiro e sempre fazem o papel ativo, e os homossexuais (*maricas, maricones* e assim por diante), que são marcados não apenas por sua preferência por parceiros masculinos, mas geralmente pela baixa estima cultural com que são auferidos por muitos na sociedade. Eu disse ao Gabriel um dia que nos EUA um sinônimo para “covarde” era *galinha* e lhe perguntei qual seria o equivalente de *cobarde* para ele. Puto ou marica, ele respondeu, e adicionou que no norte de México eles às vezes falavam *guajolote* (peru) no sentido de bobo covarde. No entanto, homens que fazem sexo com outros homens simplesmente ficam de lado de fora das fronteiras de masculinidade para algumas pessoas e nem constituiriam um tipo de gênero masculino a parte.

Mas mesmo que essa taxonomia possa indicar algumas linhas importantes de demarcação, como todo tipo-ideal, ela desesperadamente obscurece diferenças predominantes, que são tão numerosas que mal podem ser consideradas como exceções. E isso é sem dúvida ainda mais verdadeira durante momentos historicamente liminares em que categorias culturais, por definição, carecem de fronteiras nitidamente circunscritas. Nenhum homem hoje em Santo Domingo cabe perfeitamente em nenhuma das quatro categorias, mesmo em momentos específicos e ainda menos durante o curso da sua vida. Além disso, definições tais como essas resistem a outros fatores complicados, porém relevantes como classe, etnicidade e período histórico. “*O mexicano é muito falador; fala muito e não cumpre*”, me disse um homem jovem. Então quem representaria o mais arquetípico *macho mexicano*; o homem que quer ter muita prole (masculino) e depois os abandona, ou o homem que quer ter poucos filhos, trabalhar duro para ganhar dinheiro para eles e chama isso de “seus deveres de homem”? Isso explica porque tentativas, mesmo as mais sofisticadas, para quantificar a masculinidade mexicana no sentido de uma escala entre mais macho

ou menos macho inevitavelmente esbarram contra os problemas de contingências, erros e procedimento e, principalmente, a incapacidade de captar a existência e influência de consciência contraditória, hegemonia e ideologia entre os homens analisados.

Para desemaranhar estes papéis sociais estereotipados, devemos voltar ao ponto levantado por Lancaster (1992): machismo, sobre qualquer pretexto, não é simplesmente uma questão de ideologia.²⁷ Machismo, na Colônia Santo Domingo, tem sido ideologicamente desafiado, especialmente por grupos feministas de base (veja Massolo, 1992 e Stephen, 1996) e mais indiretamente pelos grupos de direitos de gays e lésbicas. Mas ele, o machismo, também está encarando desafios reais se bem que geralmente ambíguos através das ondas de migração, índices de natalidade em queda, exposição às culturas alternativas na televisão e assim por diante. Essas mudanças econômicas e socioculturais não foram inevitavelmente seguidas por deslocamentos correspondentes de dominação masculina, seja no lar, na fábrica, ou na sociedade geral. A autoridade de muitos homens está sendo minada de formas materiais, mesmo de maneira limitada, e essa mudança de posição para maridos e pais, provedores e senhores teve consequências reais para o machismo de Santo Domingo.

Fidel Aguirre, um técnico que trabalha num laboratório fora dos limites da colônia me explicou de forma penosa num final da tarde,

*“Com as mulheres trabalhando fora, não é apenas um problema delas terem seu dinheiro próprio agora, por mais importante que seja. O que está em questão é que as mulheres estão conhecendo todo tipo de gente diferente, e isso lhes mudou para sempre. Isso também significa que os homens mudaram, pois se não o fazem, se torna cada vez mais comum para as mulheres os deixarem para trás. Digo a você que é isso que está acontecendo”.*²⁸

Para a maioria das pessoas em Colônia Santo Domingo, ser macho envolve qualidades de beligerância pessoal, não apenas, mas especialmente dirigida às mulheres, e é nesse sentido que o machismo é muito vinculado às aparências e ao estilo. Substancialmente, esse verniz de arrogância e hostilidade se deriva de sentimentos de superioridade de alguns homens – e ações repetidas e regulares para fundar esses sentimentos. Ao mesmo

²⁷ A imposição de histórias culturais totalizantes por parte da mídia e dos cientistas sociais sobre países como México foi efetivamente desafiado a respeito de vários locais e temas por Herzfeld, 1987; Anderson, 1991; e Stern, 1995.

²⁸ Da música “Un pozo de sangre”, do disco El Circo. O amor que nutre o macho estereotipado por automóveis e caminhões é notório; um comentarista linguístico escreve sobre o uso cotidiano do termo machismo, “O alto índice de acidentes na A/L (América Latina), especialmente talvez no México, se deve às noções de machismo; Mexicanos são de modo confesso, algo direto e impaciente no seu jeito de ser, mas a confusão para ser o primeiro chegar ao cruzamento... é ativada tanto quanto o sentimento de que o sujeito seria ‘uma menininha’ se chegasse depois (Gerrard, 1952 [1972]: 99).

tempo, como vimos nos casos levantados por Mendoza (1962) e Paredes (1967), o bufão em Santo Domingo pode buscar esconder medos profundos de inadequação física e perder o privilégio masculino por trás da prerrogativa do macho. As mulheres, em particular, falam de homens que cabem na segunda descrição, se referindo a eles ao usar termos de desdém, ridicularização e até pena, e às vezes falando da incapacidade desses homens de satisfazer sexualmente suas mulheres.

De fato, na medida em que homens e mulheres em Santo Domingo nos anos 1990 perceberam o machismo como uma qualidade e uma prática negativa, podemos dizer que, pelo menos em parte, ele se transformou de uma posição hegemônica numa posição ideológica que é cada vez mais desafiada, como também defendida, nas discussões e atividades cotidianas na colônia.

NACIONALISMO CULTURAL

Todas as discussões especializadas sobre machismo, ou aquilo que chegou a ser conhecido como machismo de qualquer espécie (Ramos 1934; Paz 1950) fizeram conexões entre o macho que “representa o pólo masculino da vida” (Paz 1961:81) e o mundo político e social mais amplo do México do século 20. O que Lafaye (1976) mostrou a respeito da Virgem de Guadalupe, vale também para a masculinidade mexicana; nem sempre representou o mesmo tipo de símbolo nacional, mas, sim, tem sido usada para propósitos diferentes em épocas diferentes para enfatizar qualidades de nacionalismo cultural particulares por um vasto gama de forças sociais.²⁹

Na Colônia Santo Domingo, como em outros lugares na República, o destino do machismo como um arquétipo de masculinidade sempre tem sido vinculado com o nacionalismo cultural mexicano. Ao relembrar o comentário que César me fez sobre o ato de beber: “Antes de mais nada, tomamos tequila. A gente gostava, talvez porque nos fazia sentir mais mexicanos, mais como *lugareños*”.

Para o bem ou para o mal, Ramos e Paz deram ao ato de se embriagar com tequila o lugar de orgulho na vasta gama de traços de caráter nacional. Através dos seus esforços e os esforços de jornalistas e cientistas sociais de ambos os lados do Rio Bravo/Rio Grande, o macho se tornou “o mexicano”. Isso é irônico, pois representa o produto de uma invenção de nacionalismo cultural: nota-se algo (o machismo) como existente e nesse processo

²⁹ Diane Davis (comunicação pessoal) também observa que a decisão de segregar homens e mulheres é dotada tanto de uma lógica de classe quanto gênero. Pelo menos inicialmente, passageiros do metrô eram frequentemente homens trabalhadores e mulheres de classe média.

a observação ajuda apoiar sua própria existência. O machismo mexicano como artefato nacional foi nesse sentido parcialmente declarado como existente. Seguramente, Paz não é o único literato no mundo de hoje cujas descrições definitivas sobre características nacionais são tão continuamente citadas que o mero fato de declamá-las se torna um argumento tautológico para a existência dessas características presumidas em primeiro lugar.

E, desde o início, retratar o machismo (ou seu predecessor, o *pelado*) foi puramente vinculado ao sujeito pobre, sem sofisticação, não cosmopolita e não norte-americano. A partir dos anos 1920 no México, a burguesia e a classe média eram, nas palavras de Monsiváis, “obstinados ao enxergar o nacionalismo como o mais frutífero do seu progresso e coerência interna” (1976: 194). O macho-*pelado*, sempre eminentemente masculino, representou ou o passado mexicano rural e caseiro, como em Jorge Negrete, ou o atraso essencial da nação, rural e urbana, que precisava ser exposto e erradicado. Independente da alusão nostálgica “ser mexicano” sempre foi um projeto mexicano masculino. Do outro lado da linha de classe, quase todos os dirigentes sindicais tomaram para si a causa de progresso nacional ao promover a figura heróica do militante proletário masculino. Em todas as versões, a masculinidade mexicana estava no coração de definir a nação mexicana em termos de tanto seu passado como seu futuro.³⁰

Mas já passou a época em que certos traços culturais, como a masculinidade, poderiam ser considerados características exclusivamente nacionais. Processos culturais hoje são dirigidos por *ethnoscapes* como nunca antes (Appadurai, 1991). Na Colônia Santo Domingo, em meados da década de 1990, as mulheres jovens assistiam o *talk-show* de língua espanhola transmitido de Miami, *Cristina*. O tema de um dos primeiros programas *Cristina* que passou no México foi sobre as restrições que os hospitais impõem aos pais. Um dos convidados do programa era um homem latino que, ao contar sua narrativa, mencionou que ele estava junto com sua esposa durante todo o processo de parto e nascimento (uma situação muito mais comum nos EUA do que no México, que se deve mais às restrições impostas pelos hospitais mexicanos do que propriamente as vontades de mães e pais nesse país). A anfitriã, Cristina, interrompeu a narrativa do homem e comentou, “É isso que gostaríamos ver mais: verdadeiros machos latinos”! Sua pretensão parece ter sido sugerir que apenas pais verdadeiramente machos poderiam suportar os dramas (sangue e dor?) do parto. Onde ficam as mães neste assunto, não foi um ponto de discussão, mas de todo modo, aos espectadores mexicanos foi oferecido um personagem

³⁰ Entretanto, isso não inclui esse aspecto, como Fernández Kelly (1976) deixa claro num artigo sobre alguns dos fundamentos ideológicos a respeito da noção de machismo.

nascido em Cuba e criado em Miami para definir para eles os requisitos de um bom pai macho.

Assim como religiosidade, individualismo, modernidade e outros conceitos convenientes, o machismo é usado e compreendido de muitas maneiras diferentes. E a história na qual a forma de nacionalismo e feminismo e conjecturas socioeconômicas entram em colisão direta com as identidades de gênero no México, inclusive identidades de masculinidade e machismo e como são vistos de formas variadas.³¹ Ou podemos aceitar que há significados múltiplos e cambiantes de macho e machismo, ou podemos essencializar generalizações já reificados sobre homens mexicanos desde o início. Como qualquer identidade, identidades masculinas na Cidade do México não revelam nada que seja intrínseca aos homens de lá. A consciência contraditória de muitos homens na Colônia Santo Domingo sobre suas próprias identidades de gênero, sua forma e sua experiência de ser *hombres* e machos faz parte do caos reinante das suas vidas pelo menos tanto quanto a coerência nacional imaginada, imposta de fora.

REFERÊNCIAS

GREENBERG, James. **Blood Ties: Life and Violence in Rural Mexico**. Tucson: University of Arizona Press, 1989.

LANCASTER, Roger. **Life is hard: Machismo, Danger, and the Intimacy of Power in Nicaragua**. Berkeley: University of California Press, 1992.

MENDOZA, Vicente T. El machismo en Mexico. **Cuadernos del Instituto Nacional de Investigaciones Folklóricas**. n. 3 p. 75-86, 1962.

MONSIVÁIS, Carlos. **Escenas de pudor y liviandad**. México: Grijalbo, 1981.

_____. Las mitologías del cine mexicano. **Intermedios**. n. 2, p. 12-23, 1992.

STEVENS, Stern. Marianismo: The Other Face of Machismo in Latin America. In: PESCATELLO, Ann (comp.). **Male and Female in Latin America**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, p. 89-101. 1973.

³¹ Para uma análise parecida que envolve a resposta contrária por outros estratos de homens – o New Men's Movement nos EUA – veja Kimmel e Kaufman 1994.

^a Sobre identidade nacional mexicana, nacionalismo, mexicanidad e lo mexicano, veja Gamio 1916; Vasconcelos 1925; Saenz 1927; Ramos 1934; Paz 1950; Ramírez 1977; Bonfil Batalla 1987; e Bartra 1992. Para enquetes e análises sobre esse material em inglês, veja Schmidt 1978 e especialmente Lomnitz-Adler 1992. Sobre a Virgem de Guadalupe em especial, veja também Bushnell 1958; Wolf 1958; e Alarcón 1990.

^b Veja Stern 1995, que argumenta que os arquétipos de masculinidade e feminilidade também foram centrais para autodefinições nacionais no México no período colonial tardio.

^c Para um estudo detalhado sobre nacionalismo na Europa moderna e sua relação à identidade masculina, homossexualidade, homoerotismo e a dominação masculina sobre as mulheres, veja Mosse 1985.